

DIA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES

CALHETA
10 DE JUNHO DE 2019



DIA DA
REGIÃO
AUTÓNOMA
DOS AÇORES

CALHETA
10 DE JUNHO DE 2019

FICHA TÉCNICA

título

DIA DA REGIÃO
AUTÓNOMA DOS AÇORES

edição

Assembleia Legislativa
da Região Autónoma dos Açores

impressão

Nova Gráfica, lda.

tiragem

350 exemplares

junho, 2019

depósito legal

161323/01

PROGRAMA

- 11:00 – Comparência dos convidados no Porto da Calheta.
- 11:30 – Início da Sessão Solene Comemorativa do “Dia da Região Autónoma dos Açores”.
- Intervenção de Sua Excelência o Presidente do Governo da Região Autónoma dos Açores.
 - Intervenção de Sua Excelência a Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores.
 - Imposição das Insígnias.
 - Momento musical:
 - Marla Monteiro e Marcello Guarini
 - Grupo Coral da Calheta
 - Hino da Região Autónoma dos Açores
 - Hino Nacional
- 13:30 – Almoço Comemorativo do Dia da Região Autónoma dos Açores - Sopas em Honra do Divino Espírito Santo.
- Local: Irmandade do Espírito Santo da Ribeira Seca.*
- Atuação da Sociedade Filarmónica União Popular da Ribeira Seca.

RESOLUÇÃO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES N.º 9/2019

ATRIBUIÇÃO DE INSÍGNIAS HONORÍFICAS AÇORIANAS

Com a aprovação do Decreto Legislativo Regional n.º 36/2002/A, de 28 de novembro, que instituiu as insígnias honoríficas açorianas, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores pretendeu prestar homenagem a pessoas singulares ou coletivas que, em múltiplas vertentes da sua atuação e em atos com os mais diversos enquadramentos, se hajam distinguido em benefício da comunidade e na valorização da Região Autónoma dos Açores.

A materialização desses símbolos de agradecimento operou-se através do Decreto Legislativo Regional n.º 10/2006/A, de 20 de março, reportando-se ao ano de 2006 a primeira atribuição e entrega das insígnias honoríficas açorianas.

A atribuição das insígnias honoríficas açorianas, para além de representar o reconhecimento público para com os cidadãos ou instituições que, ao longo dos anos, contribuíram de forma expressiva para consolidar a identidade histórica, cultural e política do povo açoriano, pretende também, de forma simbólica, estimular a continuidade e emergência de feitos, méritos e virtudes com especial relevo na construção do nosso património insular.

Continuar a distinguir, formal e solenemente, o inestimável contributo daqueles que se notabilizaram com o seu labor, a sua arte ou o seu pensamento, simboliza a perpetuação da nossa própria identidade.

Assim, a Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, nos termos do artigo 9.º do Decreto Legislativo Regional n.º 36/2002/A, de 28 de novembro, resolve:

1 – Atribuir as seguintes insígnias honoríficas açorianas:

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE VALOR

- Comando da Zona Marítima dos Açores – Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo de Ponta Delgada (MRCC Delgada)

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE RECONHECIMENTO

- Francisco Inácio da Silveira de Sousa Pereira Forjaz de Lacerda (a título póstumo)
- Frederico de Menezes Avelino Machado (a título póstumo)
- Genuíno Alexandre Goulart Madruga
- Manoel Tomaz Gaspar da Costa
- Milton Augusto de Azevedo de Morais Sarmento
- Nuno Sequeira Correia de Sá
- Centro de Informação e Vigilância Sismovulcânica dos Açores (CIVISA)

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO PROFISSIONAL

- Carlos Manuel Pimentel Enes
- Maria João Maciel Jorge Dodman

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO INDUSTRIAL, COMERCIAL E AGRÍCOLA

- Carlos Manuel da Silva
- João Silveira Tavares
- Maria de Jesus dos Santos Bettencourt Félix (a título póstumo)
- Maria de Melo Pacheco de Medeiros

- Renato Manuel Gonçalves Goulart
- Vasco Elias Bensaude (a título póstumo)
- Confraria do Queijo São Jorge

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO CÍVICO

- Adelino Paim de Lima Andrade
- António de Fraga Pimentel (a título póstumo)
- Clélia de Fátima de Brito Nunes Vicente
- Guilherme João de Fraga Gomes (a título póstumo)
- João de Brito do Carmo Menezes
- Luís Miguel Costa Oliveira Mota dos Santos (a título póstumo)
- Manuel António das Matas dos Santos
- Associação Cultural AngraJazz
- Clube Desportivo Escolar Flores
- Filarmónica “Clube União Instrução e Recreio”
- Instituto S. João de Deus – Casa de Saúde de São Rafael e Casa de Saúde de São Miguel
- Santa Casa da Misericórdia das Velas

2 – Determinar que a presente resolução produza efeitos a partir da data da sua aprovação.

Aprovada pela Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na Horta, em 4 de junho de 2019.

A Presidente da Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, Ana Luísa Pereira Luís.

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE VALOR

A Insígnia Autonómica de Valor destina-se a agraciar:

- a) O desempenho, excepcionalmente relevante, de cargos nos órgãos de governo próprio ou ao serviço da Região;
- b) Feitos cívicos de grande relevo.

(artigo 4º, DLR 36/2002/A de 28 Novembro)





COMANDO DA ZONA MARÍTIMA DOS AÇORES CENTRO DE COORDENAÇÃO DE BUSCA E SALVAMENTO MARÍTIMO DE PONTA DELGADA (MRCC DELGADA)

Por Decreto publicado a 22 de janeiro de 1994, foi criado o Sistema Nacional para a Busca e Salvamento Marítimo, que funciona no âmbito da Marinha Portuguesa, sendo responsável pelas ações de busca e salvamento marítimo relativas a acidentes ocorridos com navios ou embarcações nas águas interiores sob jurisdição marítima e nos espaços marítimos das Regiões de Busca e Salvamento nacionais (SRR- Search and Rescue Regions).

O Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo de Ponta Delgada (MRCC: Maritime Rescue Coordination Center) funciona no Comando da Zona Marítima dos Açores, que garante a coordenação de todas as ações SAR (Search and Rescue) na Região de Busca e Salvamento de Santa Maria, englobando uma área de cerca de 56 vezes o território português, sendo a maior da Europa e a segunda maior do Atlântico Norte, estabelecendo fronteira com as áreas de Espanha, Cabo Verde, Senegal, França, Reino Unido, Canadá e Estados Unidos da América.

Desde 1994 até finais de 2018, este Centro contou com 6585 ações de apoio a embarcações e pessoas em perigo no mar dos Açores, prestando auxílio e resgatando com vida 2641 pessoas.

Ao longo do tempo, a Marinha tem empenhado ativamente os seus meios para a salvaguarda da vida humana no mar, recorrendo

à sua cultura organizacional, experiência de mar, formação e treino dos seus militares, para garantir o uso do mar em segurança àqueles que circulam nas águas dos Açores.

Nas suas missões de busca e salvamento, conta com a colaboração de meios técnicos e humanos da Autoridade Marítima Nacional, da Força Aérea Portuguesa, dos Serviços Nacional e Regional de Proteção Civil e Bombeiros, das Administrações Marítimas e Portuárias, entre outros organismos, e ainda com a colaboração de navios mercantes, que se desviam das suas rotas comerciais.

Simultaneamente, tem desenvolvido ações educativas com a participação de jovens, quer através do escutismo naval, quer através de sensibilização para a importância do mar na nossa identidade e economia.

O Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo de Ponta Delgada é hoje um Centro de excelência, internacionalmente reconhecido pelo seu desempenho, nomeadamente pela International Maritime Rescue Federation – através do prémio H.E.R.O. (Honouring Excellence in Rescue Operations) em 2016, e pela Price Waterhouse Coopers – através do prémio Navigare Mare em 2017.

Em 2018, foi igualmente reconhecido pela Assembleia Municipal de Ponta Delgada com a Medalha de Mérito Municipal pelo seu elevado desempenho.

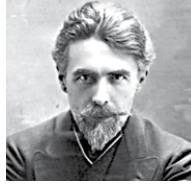
INSÍGNIA AUTONÓMICA DE RECONHECIMENTO

A Insígnia Autonómica de Reconhecimento destina-se a distinguir os atos ou a conduta de excepcional relevância de cidadãos portugueses ou estrangeiros que:

- a) Valorizem e prestigiem a Região no País ou no estrangeiro, ou que para tal contribuam;
- b) Contribuam para a expansão da cultura açoriana ou para o conhecimento dos Açores e da sua história;
- c) Distingam-se pelo seu mérito literário, científico, artístico ou desportivo.

(artigo 5º, DLR 36/2002/A de 28 Novembro)





**FRANCISCO INÁCIO DA SILVEIRA DE SOUSA
PEREIRA FORJAZ DE LACERDA
(a título póstumo)**

Nasceu na freguesia da Ribeira Seca, concelho da Calheta, na ilha de São Jorge, a 11 de maio de 1869 e faleceu em Lisboa a 18 de julho de 1934.

Em 1886, partiu com destino à ilha Terceira onde frequentou o curso geral do Liceu de Angra do Heroísmo. Uma vez terminado o Liceu, foi para o Porto para ingressar na Escola Médica e, ao mesmo tempo, estudar piano. Contudo, a paixão pela música foi mais forte e estabeleceu-se em Lisboa, onde se inscreveu no Conservatório Real.

Em 1891, terminou com distinção, o Curso Geral de Piano, tornando-se, nesse mesmo ano, Professor provisório do Conservatório.

No ano de 1895 partiu para Paris como bolsheiro da Coroa. Já na Capital Francesa, frequentou primeiramente o Conservatório, e depois, a recém-formada *Schola Cantorum*.

Em 1900, fez a sua primeira aparição pública como chefe de orquestra por influência de Vincent d'Indy, que fora seu professor de órgão e composição e descobrira o seu talento de chefe de orquestra. O êxito que de imediato conquistou abriu-lhe portas para uma bem-sucedida carreira à frente de algumas das melhores orquestras europeias em importantes concertos, festivais e temporadas musicais.

Foi um musicólogo, compositor e maestro que, para além de produzir uma valiosa obra musical, teve uma notável carreira artística internacional, que atingiu o seu apogeu no período entre 1902

e 1913 e a sua composição, apesar de ter um forte cunho pessoal e original, foi um símbolo do nacionalismo musical europeu da transição do século XIX para o século XX.

Embora a sua principal atividade tenha sido a de chefe de orquestra, foi também conferencista, estudioso do folclore e professor de direção de orquestra.

Foi também um dos fundadores da Filarmónica de Lisboa.



FREDERICO DE MENEZES AVELINO MACHADO **(a título póstumo)**

Nasceu na freguesia da Matriz, concelho da Horta, na ilha do Faial, a 24 de maio de 1918 e faleceu a 15 de novembro de 2000.

Frequentou os estudos secundários, no então Liceu Nacional da Horta, e licenciou-se em Engenharia Civil, pelo Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Em 1963, obteve o grau de Doutor na Universidade Técnica de Lisboa, apresentando uma tese sobre o “Apoio de levantamentos topográficos em regiões vulcânicas”.

Após concluir a licenciatura regressou à ilha do Faial onde exerceu as funções de Professor no Liceu Manuel de Arriaga, Diretor de Obras Públicas do ex-distrito da Horta e colaborador do Serviço Meteorológico Regional dos Açores.

Foi neste período que iniciou o seu percurso de investigador nas áreas da sismologia e vulcanologia, publicando diversos trabalhos em várias revistas da especialidade, nacionais e estrangeiras.

Em 1976, iniciou a sua carreira de Professor Universitário na Universidade dos Açores, onde criou o Departamento de Oceanografia e Pescas, tendo sido o seu primeiro diretor. Em 1982, passou a lecionar na Universidade de Aveiro, onde se jubilou em 1988. Nos últimos anos da sua atividade desenvolveu investigação na Faculdade de Ciências de Lisboa.

Pelo seu percurso científico, académico e profissional, notabilizou-se sobretudo na área da sismologia e vulcanologia com inúmeros trabalhos editados, muitos deles defendendo teses originais

sobre a periodicidade dos fenómenos sísmicos nos Açores, sendo de destacar a sua importante intervenção no estudo da evolução da crise vulcânica dos Capelinhos, em 1957.

Foi com base nos seus conselhos que o então Governador do Distrito da Horta tomou a medida cautelar de evacuar a freguesia da Praia do Norte na noite de 12 para 13 de maio de 1958, que salvou os habitantes daquela freguesia da destruição que a varreu pela ação dos fortes sismos que então ocorreram.

Para além de ficar para sempre ligado à história da sismologia dos Açores, também se envolveu em projetos de cariz social e cultural, como seja a fundação do Núcleo Cultural da Horta, em 1956.

Foi agraciado, em 1990, pela Presidência da República com a Ordem de Instrução Pública, Grau de Grande Oficial, e foi, igualmente, homenageado pela Câmara Municipal da Horta e pela Associação dos Antigos Alunos do Liceu da Horta.



GENUÍNO ALEXANDRE GOULART MADRUGA

Nasceu na freguesia de São João, no concelho das Lajes, na ilha do Pico, a 9 de dezembro de 1950.

Estudou no Liceu Nacional da Horta e na Escola Profissional das Pescas de Lisboa.

Desde cedo se dedicou ao mar, construindo, aos 12 anos, a sua primeira embarcação e, desde então, dedicando-se à pesca e à navegação.

Após o 25 de abril de 1974, teve um desempenho importante em diversas atividades de cariz político e organizativo ligadas ao setor das pescas. Foi Presidente da Casa dos Pescadores da Horta, Delegado da Secretaria de Estado das Pescas e dos Serviços de Lotas e Vendagem da Direção Geral das Pescas, organizando as lotas nos portos das Ilhas do Faial, Pico e Flores e fez parte da Comissão Administrativa da Junta Central das Casas dos Pescadores. Foi eleito, em 1975, para os órgãos sociais da Mútua dos Pescadores e Presidente do Conselho Municipal da Horta.

Foi pioneiro na introdução nos Açores de novas embarcações e novas tecnologias de navegação e deteção de cardumes, numa época em que se procedia à reconversão da frota artesanal dos Açores.

Foi o primeiro navegador solitário açoriano a levar a cabo uma viagem de circum-navegação e foi também o primeiro português a dobrar, em solitário, o Cabo Horn, do Atlântico para o Pacífico, e o décimo a fazê-lo na história mundial da vela. A primeira viagem iniciou-a a 28 de outubro de 2000, com partida da cidade da Horta a bordo do veleiro “Hemingway” e, após percorrer 26760 milhas

com 41 escalas, regressou aos Açores a 18 de maio de 2002. Iniciou a segunda viagem a 25 de agosto de 2007, com partida das Lajes do Pico, completando a mesma a 6 de junho de 2008, quando aportou no mesmo porto de onde havia partido.

É sócio de diversos clubes náuticos, entre os quais, Sócio Honorário do Clube Naval de Rabo de Peixe e do Clube Naval da Horta do qual foi Presidente, do Dinah Beach Yacht Club (Austrália), do Yacht Club International Hemingway (Cuba) e do Royal Yacht Club (África do Sul). É também sócio ativo da Confraria dos Capitães do Cabo Horn desde agosto de 2008.

Foi condecorado, em 2003, pelo Presidente da República com o grau de Comendador da Ordem do Infante D. Henrique, pelo Estado Maior da Armada com a Medalha Militar Cruz Naval de 1.ª classe e foi agraciado pelo CNE – Corpo Nacional de Escutas - com a Cruz de Agradecimento de 3ª Classe.



MANOEL TOMAZ GASPAS DA COSTA

Nasceu na freguesia e concelho da Madalena, na ilha do Pico, a 25 de setembro de 1950.

Licenciou-se em Filologia Clássica, pela Faculdade de Letras de Lisboa, e obteve a profissionalização como professor do ensino secundário no Liceu de Queluz. Frequentou os Seminários de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo e fez o secundário no Liceu da Horta.

Durante o seu percurso profissional exerceu vários cargos. Foi Presidente dos conselhos diretivos da Escola Secundária da Horta, da Escola Básica e Secundária de São Roque do Pico e Presidente da comissão instaladora e do conselho executivo da Escola Básica e Secundária da Madalena do Pico. Foi, nessas mesmas escolas, Presidente do conselho pedagógico e do conselho administrativo.

Paralelamente, presidiu também à Comissão da Avaliação do Sistema Educativo Regional dos Açores, foi relator da Comissão de Coordenação do Sistema Educativo Regional dos Açores, integrou a Comissão do Currículo Regional dos Açores, foi o representante dos Açores no Instituto Nacional da Formação de Professores e é ainda Presidente da Comissão Científica do Plano Regional de Leitura.

O seu contributo científico, técnico e profissional como gestor público e como pedagogo ao serviço do desenvolvimento, consolidação e aperfeiçoamento do sistema educativo nos Açores mereceu a admiração e o reconhecimento públicos, dentro da sua ilha e fora dela.

É igualmente uma figura de referência no panorama cultural. O seu percurso enquanto ensaísta, crítico literário, cronista, jornalista,

palestrante, comentador, poeta e escritor, para além de ser detentor de várias obras publicadas, notabilizou-o e projetou-o, não só no espaço regional, como também nacional.

Por ter uma atitude de absoluto comprometimento cívico, no seu curriculum consta uma participação muito ativa em Instituições e Associações. Foi fundador e diretor do Jornal Ilha Maior, foi fundador e Presidente do Círculo de Amigos da Ilha do Pico e do Clube de Ténis da Madalena, Presidente da Assembleia Geral e membro da Mesa da Santa Casa da Misericórdia da Madalena, Presidente da assembleia geral da Rádio Pico, Presidente e secretário da assembleia geral do Futebol Clube da Madalena, Vice-Presidente da Associação de Futebol da Horta, membro da Confraria do Vinho do Pico e Presidente da Associação dos Amigos do Canal.

Exerceu ainda o cargo de deputado municipal da Horta, vereador municipal da Madalena, Presidente da Comissão Diretiva da Paisagem da Cultura da Vinha do Pico e foi eleito Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores na II Legislatura, pelo círculo eleitoral da ilha do Faial.



MILTON AUGUSTO DE AZEVEDO DE MORAIS SARMENTO

Nasceu na freguesia de Trafaria, concelho da Almada, distrito de Setúbal, a 27 de abril de 1950.

Licenciou-se em Direito pela Universidade de Coimbra.

Esteve ligado ao Movimento Académico de oposição à ditadura, tendo inclusivamente chegado a ser preso.

No ano de 1976, assumiu o cargo de Coordenador Regional da UDP nos Açores, coordenação que exerceu até à sua extinção pela inclusão da UDP no Bloco de Esquerda.

Dedicou grande parte da sua vida ao movimento sindical e à defesa dos direitos dos trabalhadores, tendo sido Assessor Jurídico do Sindicato dos Estivadores e da União Administrativa de Sindicatos de Angra do Heroísmo, que na altura se integrava na CRT – Comissão Representativa dos Trabalhadores das FEUSAÇORES.

Cumpriu o serviço militar na Força Aérea, como oficial no Comando Aéreo dos Açores na Base das Lajes, como Adjunto do então Comandante e chefiou a secção de recrutamento de Pessoal Civil (vulgo 5020).

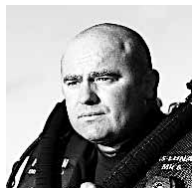
Advogou em vários Tribunais do arquipélago da Madeira, em todos os dos Açores, bem como em alguns do Continente (Cascais, Lisboa, Leiria).

Desde março de 2018 que se encontra na situação de aposentado.

Paralelamente às funções que desempenhou enquanto profissional de advocacia, político e sindicalista, também assumiu a Presidência do Conselho Deontológico da Ordem dos Advogados do

Conselho Distrital dos Açores e exerceu as funções de Diretor do Jornal Comércio do Funchal no período de 1974 a 1976.

Com gosto especial pelas artes, dedicou os seus tempos livres à pintura, tendo participado em diversas exposições. Presidiu à Associação Musical da Ilha Terceira e participou e continua a colaborar nos corpos sociais de diversas associações culturais, desportivas, de beneficência e confrarias.



NUNO SEQUEIRA CORREIA DE SÁ

Nasceu na cidade de Montreal, no Canadá, a 8 de agosto de 1977. Licenciou-se em Direito pela Universidade Católica Portuguesa. No ano de 2002, escolheu os Açores para viver, fixando a sua residência na ilha de São Miguel.

Fotógrafo profissional desde 2004, especializou-se em fotografia de vida selvagem de temas marinhos.

Conta com seis livros publicados, três deles sobre as baleias e golfinhos dos Açores, bem como dezenas de artigos publicados, uma vez que é colaborador regular de várias revistas nacionais e internacionais, tais como *National Geographic Portugal*, *Dive Magazine*, *Scuba Diving Magazine*, entre outras. É também o co-autor do “Guia de Mergulho dos Açores”, o primeiro guia de mergulho a ser editado em Portugal.

É também autor de fotografias expostas em alguns dos maiores museus da história natural do mundo, tais como o London Natural History Museum e o Smithsonian National Museum of Natural History.

O seu desempenho tem contribuído de forma muito significativa para a promoção e divulgação dos Açores além-fronteiras.

No seu curriculum constam cerca de uma dezena e meia de distinções nos principais concursos internacionais de fotografia de natureza com imagens obtidas no mar dos Açores, destacando-se o facto de ter sido o primeiro Português alguma vez distinguido no *Wildlife Photographer of the Year*, o maior e mais prestigiante concurso de fotografia de vida selvagem a nível mundial (feito alcança-

do em 2008 e novamente em 2011), bem como o facto de ter ganho o título de *Underwater Photographer of the Year* no ano de 2015 e ter vencido a categoria de Oceanos do Concurso *Natures Best Photography*.

Nos últimos cinco anos tem dedicado o seu tempo à captação vídeo, filmando nas águas dos Açores para canais como National Geographic, ORF, NHK e BBC.

Em 2018, foi reconhecido com o prémio BAFTA, pela sua participação na série da BBC - Blue Planet 2.



CENTRO DE INFORMAÇÃO E VIGILÂNCIA SISMOVULCÂNICA DOS AÇORES (CIVISA)

Foi constituído a 30 de julho de 2008 pelo Governo Regional dos Açores e pela Universidade dos Açores, com o objetivo principal de garantir a conceção, desenvolvimento, implementação e gestão de um sistema multiparamétrico de monitorização, alicerçado em conhecimento e critérios científicos e tecnológicos.

No âmbito da sua missão e desde a sua criação, tem desenvolvido um imprescindível trabalho em prol da segurança e salvaguarda de pessoas e bens, através da monitorização permanente e da avaliação de perigos geológicos que afetam os Açores, incluindo a assessoria técnica e científica às autoridades regionais e municipais de proteção civil e a vários outros órgãos governamentais.

A sua operacionalidade tem sido garantida por uma estrutura de assessoria técnica e científica própria, que beneficia de uma estreita colaboração com o Instituto de Investigação em Vulcanologia e Avaliação de Riscos (IVAR), da Universidade dos Açores, e com o Serviço Regional de Proteção Civil e Bombeiros dos Açores (SRPCBA).

A sua ação é reconhecida a nível regional, nacional e internacional, tendo merecido a atribuição da declaração de Utilidade Pública pelo Despacho n.º 1774/2013, de 4 de outubro, publicado no Jornal Oficial da Região Autónoma dos Açores, II Série – n.º 192.

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO

- A Insígnia Autonómica de Mérito será concedida para distinguir atos ou serviços meritórios praticados por cidadãos portugueses ou estrangeiros no exercício de quaisquer funções públicas ou privadas.
- Esta Insígnia divide-se em três categorias:

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO PROFISSIONAL

a) Mérito Profissional – Destinada a agraciar o desempenho destacado em qualquer atividade profissional, quer por conta própria, quer por conta de outrem;





CARLOS MANUEL PIMENTEL ENES

Nasceu na freguesia de Vila Nova, concelho da Praia da Vitória, na ilha Terceira, a 10 de março de 1951.

Estudou no Liceu de Angra do Heroísmo e licenciou-se em História pela Faculdade de Letras de Lisboa. Em 1993, concluiu o mestrado em História dos Séculos XIX e XX, pela Universidade Nova de Lisboa.

Professor do ensino secundário desde 1978, exerceu também docência na Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, e na Universidade Aberta, em Lisboa.

Para além da atividade docente, dedicou-se à investigação e estudo da História Regional. Até ao presente, publicou dezassete livros e duas dezenas de artigos. Paralelamente, proferiu mais de 40 palestras, integradas em colóquios e fóruns nacionais e internacionais. Tem ainda colaboração abundante na Enciclopédia Açoriana, edição online, com mais de 500 entradas, e também no Dicionário de Educadores Portugueses.

Os seus estudos debruçam-se sobre a história contemporânea, em que se destaca a Economia Açoriana entre as Duas Guerras Mundiais, numa análise global que permite a compreensão de um período tão decisivo e desconhecido, demonstrando um fundamentado conhecimento das complexas linhas de força da sociedade insular.

No campo da história política, tem sido pioneiro no estudo da resistência democrática e popular ao Estado Novo, trazendo à luz do dia documentação inédita que caracteriza bem esse período negro da nossa história.

A temática da Autonomia Açoriana e do movimento regionalista foi tratada num perspicaz estudo introdutório a uma coletânea de textos político-administrativos, da autoria de Luís da Silva Ribeiro.

Na área da etnografia, privilegiou as abordagens ao Carnaval terceirense, mas também a evolução das festas do Espírito Santo.

Na área da cultura, comissariou várias exposições, por ocasião das comemorações do Centenário da I República, participou em júris para a seleção de obras a subsidiar pela DRAC, e é membro do Conselho Regional de Cultura.

É autor do romance “Terra do Bravo” (2005), edição esgotada, e de “Cicatriz da Chuva”, livro de poesia (2016).

Além das obras citadas, refira-se ainda, “As Danças do Entrudo - teatro popular” (1980), “A Casa dos Açores em Lisboa” (1996); “A Memória Liberal na Ilha Terceira” (2001); “Vila Nova – pelos caminhos da sua históriaa (2011); “A fotografia nos Açores” (2011); “Álbum Terceirense”, 4 volumes, publicados entre 2007-2018, e “Angra do Heroísmo – alma e memória”, acabado de dar à estampa.

Foi deputado eleito à Assembleia da República, nas listas do Partido Socialista, na legislatura de 2011-2015.



MARIA JOÃO MACIEL JORGE DODMAN

Nasceu na freguesia de São José, concelho de Ponta Delgada, na ilha São Miguel, a 21 de agosto de 1970.

Ainda criança mudou-se para a ilha do Faial, freguesia da Feteira, onde residiu até 1989, ano em que emigrou para o Canadá.

Doutorou-se em Literatura Ibérica pela Universidade de Toronto, em 2007.

É Professora associada no Departamento de Línguas, Literatura e Linguística da York University, também em Toronto, onde leciona no programa de Estudos Portugueses e Luso-Brasileiros.

Como investigadora, tem-se dedicado às literaturas espanhola e portuguesa dos séculos XVI e XVII, com particular interesse em encontros coloniais.

Nos últimos anos, os temas açorianos têm-lhe merecido especial atenção, nomeadamente pela amizade que manteve com Dias de Melo, que a despertou para um estudo mais profundo da obra do escritor e de temas cruciais para um melhor entendimento do arquipélago dos Açores: a saga da emigração, a problemática da indústria baleeira, a insularidade. Marcada pelas histórias de pobreza vivenciadas por Açorianos e inspirada pela profunda humanidade e universalidade, também se reviu num percurso de resiliência e de emancipação, tendo-se sensibilizado igualmente, na senda da obra do escritor, pelo que nela emerge acerca do papel dos idosos na retenção e transmissão do património oral.

Foi a partir desta investigação que criou uma unidade curricular, única no sistema de ensino superior canadiano, sobre cultura e literatura açorianas. Continua a publicar e a dar palestras académicas e a promover atividades de divulgação científica sobre a obra de Dias de Melo. É também detentora de numerosas publicações em vários livros e revistas académicas e tem participado em inúmeras conferências nacionais e internacionais.

Do seu vasto curriculum consta igualmente o seu envolvimento em variadíssimos projetos de extensão, de divulgação e de sensibilização para a importância de trilhar percursos educativos significativos e humanísticos, alguns desses empreendimentos em parceria com as comunidades lusófonas e outras instituições, frequentemente relacionados com temáticas açóricas, da portugalidade e, mais amplamente, do mundo lusófono, incluindo as suas diásporas.

Completamente integrada no meio canadiano, continua a contribuir para a “sua” comunidade. Em harmonia com uma maior consciência de uma identidade complexa, tem vivido, nos últimos anos, um processo de “retorno” à ilha, que se revela na linguagem, no culto às memórias e nos laços afetivos a uma “décima ilha” híbrida. O livro de crónicas e contos “AndarIlha” é o resultado desse processo, plasmado numa escrita criativa, na qual se ouvem as vozes marginalizadas.

Defensora acérrima da ficção como veículo de empatia, dedica-se na sua escrita criativa a explorar temas que incitem ao diálogo sobre a condição humana. Tem publicado vários contos em revistas literárias e dedica-se atualmente a escrever um romance em inglês inspirado pelas vivências bilingues e bi-culturais da sua diáspora.

Recebeu o prémio de mérito da Aliança dos Clubes e Associações Portuguesas de Ontário - ACAPO.

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO INDUSTRIAL, COMERCIAL E AGRÍCOLA

b) Mérito Industrial, Comercial e Agrícola – Destinada a agraciar aqueles que, tendo desenvolvido a sua atuação nas áreas industrial, comercial ou agrícola, se hajam destacado por relevantes serviços para o seu desenvolvimento ou por excepcionais méritos na sua atuação;





CARLOS MANUEL DA SILVA

Nasceu no concelho de São Roque, na ilha do Pico, a 11 de junho de 1955.

Após concluir o 5.º Ano do Liceu partiu, em 1974, para a ilha das Flores onde iniciou a sua carreira profissional na Repartição de Finanças de Santa Cruz.

Já na Ilha das Flores, assumiu diversos cargos na qualidade de militante do Partido Social Democrata, quer a nível concelhio, quer ao nível de ilha, tendo exercido, por vários mandatos, as funções de vereador e de membro da Assembleia Municipal do concelho de Santa Cruz das Flores.

Em 1983, foi requisitado ao Serviço de Finanças para assumir as funções de Gerente do Hospital Concelhio de Santa Cruz das Flores e de Vogal Administrativo do Centro de Saúde de Santa Cruz das Flores.

Foi eleito Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores, na V Legislatura, pelo círculo eleitoral da ilha das Flores.

Também presidiu, durante vários anos, ao Núcleo Empresarial das Flores e do Corvo da Câmara do Comércio e Indústria da Horta.

Em 1996, reformou-se profissionalmente para se dedicar inteiramente à recuperação da Aldeia da Cuada, projeto este que se iniciou em 1989, com a aquisição das primeiras ruínas. O processo de recuperação das casas e espaços envolventes foi ganhando forma e, passados que são cerca de 30 anos de trabalho desde a aquisição da primeira ruína, o empreendimento encontra-se em pleno funcionamento.

Ao longo destes anos, muitas foram as reportagens e artigos publicados sobre a Aldeia da Cuada, a nível regional, nacional e internacional, assim como a atribuição de alguns prémios, sendo de destacar o prémio recentemente atribuído pela Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal - AHRESP, na categoria de Sustentabilidade Ambiental, galardão atribuído pela primeira vez a uma empresa dos Açores.

Paralelamente à sua atividade profissional e política, também se dedicou às áreas recreativas e sociais, tendo participado no grupo fundador do Agrupamento de Escuteiros de Santa Cruz das Flores, nos corpos sociais do Boavista Sport Club e da Sociedade Filarmónica União Musical e Cultural Dr. Armas da Silveira e ainda assumido o cargo de Presidente da Direção e da Mesa da Assembleia Geral da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários da Ilha das Flores.

Foi agraciado, em 2018, pelo Município das Lajes das Flores, com a Medalha de Mérito Empreendedor.



JOÃO SILVEIRA TAVARES

Nasceu na freguesia de Ribeiras, concelho das Lajes, na ilha do Pico, a 27 de outubro de 1946.

Após frequentar a escola primária em Santa Bárbara das Ribeiras, começou a trabalhar, aos 14 anos de idade e durante o inverno, no estaleiro de José Teixeira Costa. De verão tinha como ocupação a pesca do atum.

Partiu em 1971 para Angola, onde desenvolveu e consolidou conhecimentos e técnicas no domínio da carpintaria naval, designadamente ao nível do desenho e do projeto. Ainda em Luanda, construiu de raiz a sua primeira embarcação, uma lancha de pesca.

Em 1973, por questões familiares, regressou à ilha do Pico, tendo sido nesse mesmo ano convidado pela Fábrica de Conservas COFACO a coordenar os trabalhos de conservação e manutenção das traineiras. No ano de 1978, iniciou, por sua conta, os trabalhos de construção naval.

Entre os finais da década de 70 e 90, trabalhou intensamente na construção naval nos mais variados tipos de embarcação, para além de, paralelamente, prestar serviços na área a entidades públicas e privadas e também a particulares em diversas ilhas.

Em 1998, por iniciativa do americano Daniel Thorne, com o apoio de uma escola de construção naval do estado de Maine, foi convidado a integrar um projeto pedagógico e didático em torno da recuperação e salvaguarda do processo de construção tradicional

do bote baleeiro açoriano, do qual resultou a construção do bote baleeiro Bela Vista, posteriormente transportado para EUA.

Esse foi o primeiro bote baleeiro açoriano construído nos Açores, na era pós-baleação. O livro “Duas Voltas ao Logaiéte” conta a história do mesmo.

Entre os anos 1999 e 2000 deslocou-se à cidade de New Bedford, nos EUA, onde construiu os botes baleeiros Faial e Pico.

Em 2013, a convite do New Bedford Whaling Museum, regressou aos EUA para construir uma réplica do bote baleeiro açoriano para a exposição na Galeria do Baleeiro Açoriano daquele Museu.

Durante o período de 2001 a 2017, construiu de raiz 24 botes baleeiros e efetuou 4 grandes recuperações.

Por todos os botes construídos e recuperados, pela dimensão, abrangência geográfica e qualidade da sua obra e ainda por ter recuperado saberes, conceitos e técnicas de construção naval adormecidas no tempo, é reconhecido como o mais emblemático construtor de botes baleeiros açorianos, na época pós baleeira.



MARIA DE JESUS DOS SANTOS BETTENCOURT FÉLIX (a título póstumo)

Nasceu na freguesia de São Mateus, concelho de Santa Cruz, na ilha Graciosa, a 26 de agosto de 1951 e faleceu a 16 de julho de 2014.

Fundou a fábrica das famosas queijadas da Graciosa e registou a marca “Queijadas da Graciosa”, tendo sido o primeiro produto açoriano a receber o selo da Marca “Açores certificado pela natureza”.

Foi graças ao seu empreendedorismo e à sua capacidade de trabalho que, conjuntamente com a família, a sua pequena indústria se tornou hoje numa referência para a ilha, não só porque mantém mais de uma dezena de empregos, essencialmente mão-de-obra feminina, mas também porque projetou, através deste doce tradicional, o nome da Graciosa além-fronteiras.

A “Queijada da Graciosa” pela sua qualidade, tornou-se tão famosa que é adquirida por quase todos aqueles que passam pela ilha Graciosa e é exportada para as outras ilhas dos Açores, para Portugal continental e para os Estados Unidos da América.

Foi igualmente pela sua vontade em recuperar a doçaria tradicional da ilha praticamente desaparecida, que introduziu na fábrica a produção de outros produtos tais como Pastéis de Arroz, Queijadas da Graciosa com coco, Capuchas e Lavadores.



MARIA DE MELO PACHECO DE MEDEIROS

Nasceu na freguesia de Mãe de Deus, concelho da Povoação, na ilha de São Miguel, a 8 de maio de 1929.

Aos 10 anos de idade mudou-se com a família para Ponta Delgada, onde concluiu o sétimo ano do Liceu.

Começou muito nova a trabalhar no negócio do seu pai para obter dinheiro a fim de adquirir livros, dada a sua paixão pelas línguas e pela literatura. Ademais, com apenas 17 anos de idade já escrevia, tendo, inclusivamente orientado uma conferência sobre Fernão de Magalhães e as Descobertas.

Mais tarde, fez um curso de contabilidade na Escola Comercial Velho Cabral, tendo posteriormente assumido o destino da conhecida empresa de construção civil do pai, Pacheco de Medeiros, Lda.

Não só soube afirmar-se, com sucesso, num ramo de atividade pouco vulgar na altura para uma mulher, como também, com apenas 18 anos, tirou carta de condução e tornou-se uma das primeiras mulheres a participar em ralis nos Açores.

Apesar desta sua participação nos ralis lhe ter causado algumas críticas, a sua determinação em seguir aquilo que sentia e pensava, independentemente de extravasar o considerado “normal” ou ser mal-aceite pela sociedade, associado ao seu espírito “radical”, impulsionou-a, conjuntamente com o Grupo Desportivo Comercial, a criar uma prova regular de ralis para senhoras o que foi absolutamente inédito para a época.

Sempre nutriu uma grande paixão e entusiasmo pelas potencialidades do turismo. Não é fruto do acaso que, em 1988, foi eleita Guia do Turismo do Ano, pelo então Diretor Regional do Turismo.

Também fez parte ativa na Direção do Banco Alimentar de Ponta Delgada e integrou, durante 15 anos, a Direção da Câmara do Comércio de Ponta Delgada, tendo sido homenageada por esta, no ano de 2002.



RENATO MANUEL GONÇALVES GOULART

Nasceu no concelho das Lajes, na ilha do Pico, a 29 de janeiro de 1973.

Frequentou o ensino secundário e fez o curso Técnico de Guias de Parques Naturais dos Açores – Guia da Montanha -, promovido pela Direção Regional do Ambiente.

Em 1994, iniciou a sua atividade de acompanhamento e orientação de turistas na subida à Montanha do Pico, tornando-se numa referência pela sua dedicação, conhecimento e divulgação do ponto mais alto de Portugal.

Do seu curriculum constam mais de 2270 subidas à Montanha.

No ano de 2016, estabeleceu-se como empresário na área de animação turística.

É apelidado pela crítica como “o Rei da Montanha”, tendo sido o interlocutor principal do documentário “2351”, do cineasta Pedro Canavilhas, estreado a 25 de janeiro de 2019, um retrato íntimo do Homem com a Montanha no meio do Oceano Atlântico.



VASCO ELIAS BENSAUDE (a título póstumo)

Nasceu em Lisboa a 26 de abril de 1896 e faleceu, em Ponta Delgada, a 5 de agosto de 1967.

Estudou em Inglaterra onde fez o seu Curso Liceal e licenciou-se na área de Gestão pela Universidade de Saint-Gall na Suíça.

Desde muito novo que o seu amor pelos Açores se manifestou por influência dos seus antepassados, que chegaram a Ponta Delgada em 1820, altura em que estes iniciaram as suas atividades empresariais, estando, por isso, prestes a se assinalar o bicentenário da sua chegada a este arquipélago.

Em 1915, ruma com destino à ilha de São Miguel, já como sócio da Bensaude e C^a, onde encetou a sua carreira no mundo empresarial.

Foi gerente da Parceria Geral de Pescarias e da Empresa Insulana de Navegação, que herdou dos tios. Para esta última mandou construir propositadamente o navio *Carvalho Araújo* com capacidade para transportar 354 passageiros, cuja viagem inaugural à Madeira e aos Açores ocorreu em 1930. Mas foi o projeto do navio *Funchal*, lançado ao mar em fevereiro de 1961, que lhe mereceu o maior carinho e que, com capacidade para 400 passageiros, veio revolucionar o transporte de passageiros entre os Açores e o Continente.

Reconhecido por ser um dos maiores visionários que já habitaram as ilhas dos Açores e por ter sido o maior empregador da ilha de São Miguel.

Teve o engenho de somar aos investimentos já realizados pelos seus antepassados outros de enorme sucesso: criou o *Bureau de Turismo*, adquiriu e reabilitou o *Parque Terra Nostra* – um dos mais emblemáticos parques botânicos do Mundo, criou a Casa Regional, construiu o Hotel Terra Nostra, o Campo de Golfe das Furnas e o Hotel de São Pedro e adquiriu, também, a *Mutualista Açoreana*.

Também se destacou na área da indústria. Foi a sua dedicação e empenho permanente que contribuiu para a modernização da Fábrica de Tabaco Micaelense.

Para além de todos estes investimentos, foi ainda o grande impulsionador da fundação da *Sociedade de Turismo Terra Nostra* e da *Sociedade Açoriana de Transportes Aéreos – SATA*.

Sempre acreditou que a autoridade apenas assentava no mérito e, por isso, atuava no “círculo de competência”. Foram estas características de personalidade que o fizeram, também, refugiar-se entre os seus livros, na apicultura, na jardinagem, onde sempre manifestou conhecimentos enciclopédicos. Foi o grande impulsionador do apuramento da raça Portuguesa dos Cães de Água do Algarve, que denominou de “*Algarbiorum*”.

Filantropo, homem culto e do mundo, foi reconhecido pela oferta de refúgio durante a II Guerra Mundial, pela sua notável relação com a Maternidade Abraão Bensaude e ainda pelo apoio à Colónia Balnear “O Século”. Conta-nos a História que não dava esmolas, oferecia trabalho, algo que demonstra bem a sua faceta humanista.

Foi condecorado com a Ordem Militar de Cristo e Grande-Oficial da Ordem Civil do Mérito Agrícola e Industrial. Foi ainda Grande-Oficial da Ordem de Benemerência de Portugal e, mais tarde, Comendador da Ordem Civil do Mérito Agrícola e Industrial.



CONFRARIA DO QUEIJO SÃO JORGE

Constituída a 2 de novembro de 1991, por escritura pública, surgiu na sequência de uma viagem realizada a Espanha, onde alguns dos seus Confrades Fundadores estabeleceram contatos com diversas confrarias semelhantes da Europa.

Os seus primeiros Confrades foram entronizados numa cerimónia realizada no Município das Velas a 23 de abril de 1997 e contou com a presença de várias confrarias dos Açores e de Portugal continental, entre as quais a Confraria do Vinho do Porto que foi a Madrinha. O seu traje e insígnias inspiraram-se na vida de São Jorge e nos termos utilizados nas tradicionais festas do Espírito Santo.

A 22 de novembro de 1994, por nomeação do Instituto de Alimentação e Mercados Agrícolas, foi reconhecida como Organismo Privado de controlo e Certificação (OPC) do Queijo São Jorge e a sua componente técnica está acreditada desde agosto de 2016 pelo Instituto Português de Acreditação – IPAC, de acordo com os referenciais e normas aplicáveis, nomeadamente a NP EN ISO/IEC 17065 de 2014.

Enquanto Associação científica e cultural tem um desempenho de extrema importância por força das suas duas vertentes de atuação: lúdica e técnica. Lúdica, porque o seu principal intento diz respeito à defesa, promoção e dignificação da Denominação de Origem Protegida - Queijo São Jorge, bem como da respetiva Região Demarcada - ilha de São Jorge. Técnica, porque acumula a grande responsabilidade de proceder de acordo com as normas, cadernos

de encargos e regulamentos aplicáveis à certificação e controlo dos queijos produzidos pelos produtores da Região Demarcada.

O seu desempenho tem sido fundamental para a preservação e promoção da elevada qualidade requerida pelo produto Queijo São Jorge – DOP.

INSÍGNIA AUTONÓMICA DE MÉRITO CÍVICO

c) Mérito Cívico – Destinada a agraciar aqueles que, em resultado de uma compreensão nítida dos deveres cívicos, contribuíram, de modo relevante, para os serviços à comunidade, nomeadamente nas áreas de ação social e cultural.

(artigo 6º, DLR 36/2002/A de 28 Novembro)





ADELINO PAIM DE LIMA ANDRADE

Nasceu na freguesia das Lajes, concelho da Praia da Vitória, na ilha Terceira, a 14 de novembro de 1943.

Licenciou-se em Farmácia, com especialidade em Análises Clínicas, pela Faculdade de Farmácia da Universidade de Coimbra.

Em 1975, fundou, em Angra do Heroísmo, o Laboratório de Análises Clínicas Adelino Andrade & Sousa, do qual foi o primeiro Diretor Técnico.

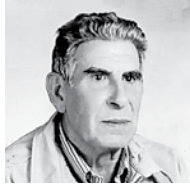
Tem-se dedicado, ao longo dos anos, à investigação etnográfica, preocupando-se em deixar para as gerações vindouras o legado histórico e cultural da sociedade açoriana dos últimos séculos.

A sua obra reveste-se de uma importância considerável, tendo em conta o contributo que dá à bibliografia etnográfica e cultural dos Açores. É autor das obras “A Minha Geração Foi a Última No Tempo”, “Ontem, era Assim”, “John de Visita à Ilha Terceira” e “Império da Vila das Lajes, 100 anos, 1916-2016”.

Do seu curriculum consta igualmente o gosto pelas artes. Fez gravura com diferentes técnicas e pintura a acrílico e a óleo, tendo efetuado duas exposições individuais, em 2012 e 2018, ambas no Centro Cultural e de Congressos de Angra do Heroísmo e participado em várias exposições coletivas.

Paralelamente à sua atividade empresarial e de literária, também se dedicou às áreas política e social, tendo participado ativamente como vereador na primeira Câmara eleita, após o 25 de abril, em Angra do Heroísmo e integrado, na legislatura seguinte, o elenco da

Assembleia Municipal. Foi também sócio fundador da Associação Cristã da Mocidade, sócio fundador do Aero clube da ilha Terceira e Presidente do Rotary Club de Angra do Heroísmo.



ANTÓNIO DE FRAGA PIMENTEL **(a título póstumo)**

Nasceu no concelho de Vila Nova, na ilha do Corvo, a 22 de outubro de 1935 e faleceu a 14 de outubro de 2002.

Após concluir a escolaridade, exerceu, durante cerca de 30 anos, a atividade profissional de Auxiliar de Sanidade Vegetal e Auxiliar Técnico de Pecuária.

Sempre preocupado com a sua terra e com o bem-estar das suas gentes, notabilizou-se pela sua intervenção como membro fundador da Santa Casa da Misericórdia do Corvo.

Foi também um ativo dirigente associativo, integrando, durante vários anos, os corpos sociais da Associação Agrícola, Cooperativa Agrícola e Associação dos Bombeiros Voluntários da Ilha do Corvo.

Entre 1983 e 1989, exerceu as funções de Vereador da Câmara Municipal do Corvo e, no período de 1989 a 1997, assumiu o seu mandato de Deputado da Assembleia Municipal do Corvo.

Foi eleito Deputado à Assembleia Legislativa da Região Autónoma dos Açores na II e III Legislaturas, pelo círculo eleitoral da ilha do Corvo.

Foi graças ao seu empenho, enquanto deputado regional, que se tornou possível a fixação do primeiro médico residente na ilha do Corvo, que se efetivou em março de 1983.

Considerado um cidadão de convicções e de causas, pautou a sua conduta pela dedicação, empenho e sentido de serviço à sua comunidade.



CLÉLIA DE FÁTIMA DE BRITO NUNES VICENTE

Nasceu na freguesia da Fonte do Bastardo, concelho da Praia da Vitória, na ilha Terceira, a 20 de março de 1962.

Estudou no Liceu Nacional de Angra do Heroísmo, onde concluiu o 12º ano.

Completoou o curso de Formação em Línguas, Inglês, Francês e Alemão e o curso de Formação Complementar em Administração e Gestão de Empresas na Universidade Católica de Lisboa.

Foi uma atleta federada de Voleibol, representando a Associação de Jovens da Fonte do Bastardo e a Seleção dos Açores.

A residir em Lisboa desde 1986, é empresária e membro do Conselho Geral de Supervisão do Grupo NUVI SA.

Desde 1989 que é sócia fundadora da Empresa Luís Vicente SA, uma das maiores empresas de frutas portuguesas, exportando para toda a Europa, Brasil, Canadá e outros países. A sua paixão pelas frutas levou a que investisse numa das maiores herdades em Portugal, em Ferreira do Alentejo. Investiu ainda no negócio de fruta desidratada (snack FRUBIS) e na fruta fresca cortada, chamada de IV Gama (NUVIFRUITS).

É sócia fundadora da Refriango, liderando um projeto de investimentos em Angola, hoje com uma unidade industrial instalada em Luanda.

Em Angola investiu ainda nos negócios KINDA HOME ANGOLA (lojas de mobiliário e decoração), na REVIVA (indústria e distribuição) e na MEGACASH – Cash & Carry (grossista de produtos alimentares).

O grupo detém, ainda, investimentos em Angola, Marrocos, Brasil, Costa Rica, Portugal (incluindo Açores e Madeira), Espanha e Holanda.

Paralelamente à sua atividade empresarial, sempre manteve ligação à sua terra natal. A sua grande paixão pelo Voleibol e mais concretamente pela Fonte do Bastardo fizeram-na mecenas da Associação de Jovens da Fonte do Bastardo, tornando possível a obtenção de grandes feitos por parte desta Equipa, nomeadamente a conquista de um Campeonato Nacional da 2ª Divisão, dois Campeonatos Nacionais da 1ª Divisão e uma Taça de Portugal.

O seu contributo tem sido determinante e faz parte integrante da história da Associação de Jovens da Fonte do Bastardo.



GUILHERME JOÃO DE FRAGA GOMES **(a título póstumo)**

Nasceu na freguesia de Santa Maria Maior, cidade do Funchal, na ilha da Madeira, a 11 de junho de 1875 e faleceu a 9 de outubro de 1952.

Formou-se em Medicina pela Escola Médico-Cirúrgica do Funchal, concluindo o curso em 1897.

Em 1898, veio para os Açores, mais concretamente para a freguesia da Bretanha, na ilha de São Miguel, a convite de um seu conterrâneo que exercia medicina naquela freguesia.

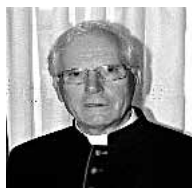
Um ano após a sua chegada foi nomeado médico municipal da freguesia da Maia. Foi nesta freguesia que estabeleceu residência e que passou grande parte da sua vida a exercer clínica geral.

A sua intervenção não se limitou ao exercício da medicina. Teve, igualmente, uma participação cívica exemplar, sendo um dos grandes beneméritos da terra, também por isso, muito estimado pela população.

Também, conforme consta no Apontamento Histórico-Etnográfico de São Miguel e Santa Maria, publicado em 1982, pela Direção Escolar de Ponta Delgada, foi um dos cidadãos eleitos em 1919, por um Grupo de Amigos da Maia, para integrar a comissão iniciadora e fundadora de um pequeno hospital, que viria a ser inaugurado no dia 24 de setembro de 1944.

Para além da dedicação à sua profissão e às causas da solidariedade, foi igualmente um apaixonado pela floricultura e arboricultu-

ra, tendo criado uma notável mata ajardinada, conhecida pela Mata do Dr.º Fraga, que doou antes do seu regresso definitivo à Madeira. Sobre o assunto, o Dr. Carreiro da Costa, em artigo publicado no Jornal Açores, de 11 de novembro de 1952, escreveu: “O seu amor às flores e às árvores esse ficou para sempre traduzido na magnífica mata do Outeiro Redondo, por ele criada e desenvolvida e hoje considerada uma das mais belas e ricas coleções botânicas existentes em São Miguel, a avaliar pelo que nos deixou escrito sobre “A Beleza dos Fetos”, ali existentes, em primoroso artigo publicado no nº 10 do Boletim da C.R.C.A.A. [1949]”.



JOÃO DE BRITO DO CARMO MENEZES

Nasceu na freguesia de Doze Ribeiras, concelho de Angra do Heroísmo, na ilha Terceira, a 3 de abril de 1945.

Ingressou, em 1957, no Seminário Menor de Santo Cristo, em Ponta Delgada, onde fez os dois primeiros anos do Curso Preparatório, passando posteriormente a frequentar o Seminário Episcopal de Angra, onde completou o Curso Preparatório e fez os Cursos Filosófico e Teológico com distinção. A 25 de maio de 1969 foi ordenado presbítero na Sé Catedral de Angra.

Após ser ordenado, frequentou o Post-Seminário e prestou serviço pastoral nas paróquias de Sé, Santa Luzia e Posto Santo e, em 1970, iniciou a sua atividade como cooperador na paróquia de São José, em Ponta Delgada, e prestou serviço de capelão no Hospital daquela cidade.

Colaborou com os dois Bispos que, durante o período de 1973 a 1979, assumiram os destinos da Diocese de Angra e Ilhas, primeiramente como secretário particular e, mais tarde, como secretário episcopal. Em 2015, foi nomeado pelo então Bispo de Angra, Cónego da Sé de Angra.

Exerceu o sacerdócio em várias paróquias da ilha Terceira: São Pedro de Angra de 1979 a 1990, Doze Ribeiras e Santa Bárbara de 1990 a 2017 e Cinco Ribeiras e Santa Bárbara de 2014 a 2018. Atualmente é Pároco em Santa Bárbara. Assumiu também, de 2006 a 2009, as funções de ouvidor da Ilha Terceira e, de 2009 a 2012, ouvidor adjunto para a zona pastoral Oeste.

A complementar a sua atividade sacerdotal, para além de ter sido, durante 27 anos, professor de Educação Moral e Religiosa Católica, na Escola Secundária Jerónimo Emiliano de Andrade de Angra do Heroísmo, dedicou-se, ainda, de forma muito ativa à sua terra e às suas tradições, com o intuito de promover e desenvolver a sua ilha, não só ao nível espiritual, como também social e cultural.

Colaborou na fundação do Grupo Desportivo das Doze Ribeiras, na construção dos caminhos de penetração para as terras lavradas das Doze Ribeiras e formou o Grupo Folclórico das Doze Ribeiras, no qual foi seu dirigente, ensaiador e músico.

O seu gosto e dedicação pelo trabalho em pedra permitiu-lhe, ainda, construir uma zona de lazer na freguesia de Santa Bárbara, tendo sido atribuído a esta zona, o seu nome.

É um investigador das raízes etnográficas da ilha Terceira e de outras ilhas, com um importantíssimo trabalho de recolha de várias modas típicas que fazem parte do cancioneiro terceirense.

Foi agraciado, em 2002, pela Assembleia Municipal de Angra do Heroísmo com a Medalha de Mérito Municipal nas classes de Mérito Cultural e Mérito Filantrópico.



LUÍS MIGUEL COSTA OLIVEIRA MOTA DOS SANTOS **(a título póstumo)**

Nasceu na antiga freguesia de Nossa Senhora de Fátima, concelho de Lisboa, a 24 de dezembro de 1965 e faleceu a 21 de dezembro de 2015.

Licenciou-se em Línguas e Literaturas Modernas, variante de Português/ Inglês para o terceiro ciclo e secundário, pela Faculdade de Letras de Lisboa.

No ano de 1987, veio viver para os Açores, fixando residência primeiramente na ilha do Faial. Em 1992 mudou a sua residência para a ilha de São Jorge e, em 1999, mudou-se definitivamente para a ilha de São Miguel.

Paralelamente à sua atividade profissional de docente dedicou toda a sua vida ao Associativismo Juvenil. Foi responsável pela criação e gestão de várias Associações, tendo fundado e assumido a Presidência, em 1998, da Federação de Associações de Juventude dos Açores. Durante essa Presidência, empenhou-se para manter pelo menos uma associação juvenil ativa em cada ilha dos Açores.

Para além de ter sido mentor de um projeto de Serviço Voluntário Europeu na ilha de São Miguel, que recebeu mais de 70 voluntários de muitos países da Europa, participou também na implementação dos primeiros clubes de informática nas ilhas de São Jorge, São Miguel e Pico e promoveu muitas ações de formação na área das novas tecnologias na maioria das ilhas dos Açores.

Das Associações em que esteve envolvido, destaca-se a Associação de Jovens em Defesa do Património Histórico e Cultural de São

Jorge. O seu contributo nesta Associação cultural e recreativa, fez com que a mesma desempenhasse um papel muito importante na sociedade jorgense, não só na vertente cultural, como também na defesa ambiental e na dinamização de diversos eventos, tais como a realização de cursos, conferências, reuniões, colóquios e congressos e ainda de vários intercâmbios regionais, nacionais e internacionais.

No seu tempo livre dedicava-se às artes, na área da cerâmica e pintura, tendo participado em várias mostras e exposições, não só em diversas ilhas dos Açores, como também em Lisboa.

Uma das suas grandes paixões era a pesca submarina, tendo sido esta uma das principais razões pelas quais os Açores foram a sua preferência.



MANUEL ANTÓNIO DAS MATAS DOS SANTOS

Nasceu no lugar de Santo António, freguesia do Norte Grande, concelho de Velas na ilha de São Jorge, a 27 de abril de 1956.

Estudou no Seminário Arquiepiscopal de Luanda e no Seminário Episcopal de Angra, onde tirou o curso Filosófico teológico dos Seminários.

Ordenado Sacerdote a 27 de junho de 1982, parouquiu na Piedade e na Ribeirinha do Pico até 1989, ano em que regressou a São Jorge, para a Calheta, onde é Pároco até ao presente. Nesta ilha, tem exercido o ministério sacerdotal em várias Paróquias, ultimamente no Norte Pequeno e no Norte Grande, e em alguns Curatos: Ribeira d'Areia e Fajã dos Vimes.

É Ouvidor da ilha de São Jorge, desde 1989.

A complementar a sua atividade sacerdotal, é professor de Religião e Moral na Escola Padre Manuel Azevedo da Cunha, Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Calheta, Presidente da Cáritas de São Jorge e fundador e dinamizador da Pousada da Juventude de São Jorge. Pertenceu à Comissão de Proteção de Crianças e Jovens desde a sua criação até 2018.

Após o sismo de 1980, desempenhou um papel muito relevante na reconstrução e recuperação de grande parte do património religioso da ilha de São Jorge. Neste âmbito, destaca-se o papel que exerceu na promoção da recuperação da Igreja de Santa Bárbara, Imóvel de Interesse Público desde 1950, bem como a sua ação na criação do Santuário da Caldeira de Santo Cristo.

Tem participado e colaborado na promoção de diversos eventos culturais, tais como os Encontros de Arte e Património. Ainda neste âmbito, desempenhou um papel fundamental no restauro dos órgãos da Calheta e da Ribeira Seca.

Enquanto Provedor da Santa Casa da Misericórdia da Calheta empenhou-se na criação do Lar de Idosos e Centro de Dia da Calheta e na reabilitação da Sede da Santa Casa da Misericórdia.

Foi agraciado, a 25 de novembro de 2011, com a Medalha de Mérito Municipal da Câmara Municipal da Calheta de São Jorge.



ASSOCIAÇÃO CULTURAL ANGRAJAZZ

Foi constituída a 5 de abril de 2000, na sequência da realização do primeiro Festival Internacional de Jazz de Angra do Heroísmo “Angrajazz”, realizado em outubro de 1999. É uma Associação cultural sem fins lucrativos, com sede em Angra do Heroísmo, que tem como principal objetivo a divulgação e o desenvolvimento do gosto pelo jazz nos Açores.

Promove e organiza eventos de música jazz em Angra do Heroísmo, destacando-se a realização anual do “Angrajazz”, que este ano terá a sua vigésima primeira edição, e que há muito ultrapassou as fronteiras concelhias, da ilha e da região, com amplo reconhecimento a nível nacional e internacional. É o único festival nacional de jazz e o único festival regional de música incluído no programa “Portuguese Music Festivals”/Turismo de Portugal. Marca presença no calendário anual do jazz nacional, constituindo um dos principais festivais de jazz do país.

Pelas suas edições passaram os melhores músicos de jazz nacionais e internacionais da atualidade. Na sua vigésima edição já contava com 129 concertos realizados, com a participação de 586 músicos - 189 portugueses, dos quais 84 açorianos e 397 músicos estrangeiros.

Para além do Festival anual, a Associação impôs desde cedo o objetivo de criar uma orquestra que contemplasse a formação de músicos locais na área do jazz. Assim, surgiu em 2002 a Orquestra Angrajazz que tem realizado concertos em todo o território nacio-

nal e que já editou dois álbuns. Esta Orquestra funciona como uma “escola de jazz” aberta a todos os interessados. Neste âmbito tem realizado diversas ações de formação gratuitas direcionadas à comunidade musical local, nomeadamente às Filarmónicas.

Desde 2017 que também organiza, para comemorar o Dia 30 de Abril, data escolhida pela UNESCO como Dia Internacional do Jazz, um concerto duplo com grupos portugueses e, ainda, uma série de nove concertos de entrada livre, em espaços públicos da cidade, a que chamou “Jazz na Rua/Angrajazz” e que decorre por altura do Festival.



CLUBE DESPORTIVO ESCOLAR FLORES

Foi constituído a 19 de setembro de 1991, por um grupo de docentes da então Escola Preparatória de Santa Cruz das Flores, com o objetivo de oferecer uma prática desportiva mais diversificada e promover a competitividade da mesma.

Deu início à prática de diversas modalidades até então inexistentes nas Flores, como o ténis de mesa, o atletismo, a patinagem e o voleibol, sendo que foi nesta última que se registou uma evolução bastante significativa, envolvendo muitos praticantes oriundos de toda a ilha e revelando um elevado nível de desenvolvimento qualitativo.

O seu funcionamento mantém-se, por força da disponibilidade e dedicação de um pequeno e restrito grupo de docentes da atual Escola Básica e Secundária das Flores, com atletas e ex-atletas que acumulam funções de direção e de treinadores nos diversos escalões etários e, ainda, com o apoio dos pais e encarregados de educação.

Atualmente, com mais de duas centenas de praticantes, desde o escalão de infantis aos séniores, é o clube da Região com maior número de atletas na modalidade de voleibol, mantendo em atividade de treino devidamente organizada mais de oito por cento da população total da ilha das Flores e cerca de quarenta por cento de toda a população juvenil da ilha.

Tem conseguido desenvolver projetos de forma estruturada e sustentada, pautando a sua ação pelo rigor, competência e a dedicação à formação, para além de proporcionar um espaço privilegiado

de agregação das várias faixas etárias, afirmando-se, também, como meio de envolvimento e integração social na comunidade.

É fruto do trabalho desenvolvido ao longo dos anos, do empenho e dedicação de todos os seus atletas, treinadores e docentes envolvidos, que o Clube tem elevado o nome da ilha das Flores a um patamar de excelência regional, como o comprovam os seis títulos de campeão regional de voleibol conquistados na presente década nos diversos escalões etários: iniciados (2013/14), juvenis (2016/17), juniores (2012/13 e 2015/16) e seniores (2015/16 e 2018/19).



FILARMÓNICA “CLUBE UNIÃO INSTRUÇÃO E RECREIO”

Foi constituída a 22 de fevereiro de 1869 sob a designação de “Teatro Topense” que posteriormente, em 1882, se alterou para “Harmónica Topense”, mais tarde para “Recreio Topense” e, finalmente, a 24 de setembro de 1896, para “Clube União Instrução e Recreio”, designação que mantém atualmente.

A sua fundação deve-se à determinação de Joaquim Homem da Silveira Noronha, notário e ilustre figura da história Topense, apoiado por um pequeno grupo de amigos.

No período de 1882 a 1980, teve quatro maestros conhecidos: José Paulino, Joaquim Homem da Silveira Noronha, Gregório Álvaro de Freitas e João da Costa Reis. Este último, sendo contemporâneo de Joaquim Homem da Silveira Noronha e seu afilhado, deu continuidade ao seu legado durante 48 anos até à data de sua morte em 1980.

A construção da sua sede só ocorreu em 1956, pelo que durante longos anos ensaiou numa casa particular, o que acarretava alguns constrangimentos.

Com 150 anos de existência, faz parte do grupo das filarmónicas mais antigas dos Açores.

Com o esforço de muitas gerações e dirigentes, sócios, maestros e músicos dedicados, manteve-se sempre em atividade, participando em procissões, coroações e concertos. Destaca-se também a aposta na formação dos seus músicos e na dinamização da cultura da sua comunidade.

Participou, em 2003, juntamente com todas as bandas do Concelho da Calheta, na gravação de um CD editado pela respetiva Câmara Municipal.



INSTITUTO S. JOÃO DE DEUS



INSTITUTO S. JOÃO DE DEUS
Casa de Saúde S. Rafael



INSTITUTO S. JOÃO DE DEUS
Casa de Saúde S. Miguel

INSTITUTO SÃO JOÃO DE DEUS – CASA DE SAÚDE DE SÃO RAFAEL E CASA DE SAÚDE DE SÃO MIGUEL

Foi em 1927 e 1928 que foram fundadas pelos Irmãos de São João de Deus, respetivamente, na ilha Terceira, a Casa de Saúde São Rafael, e na ilha de São Miguel, a Casa de Saúde São Miguel, com o objetivo de garantir a assistência a cidadãos que padeciam de doenças mentais, uma vez que na época, não existiam nos Açores estruturas específicas para o efeito. As Casas de Saúde São Rafael e de São Miguel, para além de assegurarem o tratamento e hospitalização de homens, asseguraram também a assistência a mulheres até 1946 e 1973, respetivamente, altura em que foram inaugurados nas ilhas os Estabelecimentos congéneres das Irmãs Hospitaleiras do Sagrado Coração de Jesus.

Os Irmãos Hospitaleiros são reconhecidos por assegurarem os cuidados humanizados na hospitalização, mantendo mesmo os casos mais graves perto das suas origens e família, e implementarem entre outras nos Açores, medidas pioneiras como a ergoterapia, a electroconvulsioterapia, sistocardil, malarioterapia e insulino-terapia.

Ao longo destes já mais de 90 anos de atividade e dedicação às comunidades das 9 Ilhas dos Açores, vários têm sido os serviços criados de acordo com o que é preconizado pela Organização Mundial de Saúde, e pelos Planos Regionais de Saúde na área da saúde mental, sempre pautados por excelência técnica, rigor científico e elevados padrões de qualidade, avaliados e certificados periodicamente.

mente, e alicerçados também no combate ao estigma que há na sociedade em relação às pessoas portadoras de doença mental.

Contando com Colaboradores especializados e empenhados, e nunca descurando o caráter humanizador e carismático de São João de Deus, assente no princípio de - “fazer bem o bem”, viram ser-lhes reconhecida a qualidade assistencial dos seus serviços de reabilitação psicossocial pelo referencial EQUASS – European Quality Assurance for Social Services desde 2012, ao qual se juntou desde 2014 a Unidade de Alcoologia em São Rafael.

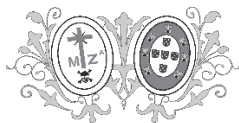
A par de todo o imprescindível trabalho desenvolvido nos cuidados de saúde mental de forma integrada e articulada com outros serviços na Região Autónoma dos Açores, dedica igualmente particular atenção à problemática do alcoolismo, a partir da década de 50 do século passado, tendo criado em 1991 o Centro de Tratamento de Alcoólicos em São Miguel, e em 1999 a Unidade de Alcoologia da Casa de Saúde São Rafael. Também na área da toxicodependência abriu em São Miguel, em 1998, a Clínica São João de Deus dedicada ao acolhimento e tratamento de toxicodependentes.

A abordagem a estas áreas é efetuada de forma pluridimensional e organizada, de modo a que a atuação vá para além da mera desintoxicação, apostando fortemente no apoio contínuo ao utente e sua família, apoiando a sua recuperação e integração social, e privilegiando a prevenção primária, quer em contexto familiar, quer em meio escolar e em espaços recreativas, de lazer ou desportivos.

As cerca de 360 pessoas assistidas em ambas as Casas de Saúde, encontram-se distribuídas por Unidades de Internamento, em serviços de curta, média ou longa duração, Unidades Residenciais intra e extrainstitucionais e Unidades Sócio Ocupacionais inseridas no Serviço de Reabilitação Psicossocial, bem como em Unidades especializadas no tratamento de pessoas com problemas de adição.

Com dezenas de parcerias, diversos protocolos celebrados e com o apoio dos seus cerca de 200 colaboradores, o Instituto São João de

Deus atua no presente e constrói o futuro, assente no Valor central da Hospitalidade, e alicerçado na Qualidade, Respeito e Espiritualidade, com pioneirismo e audácia.



Misericórdia das Velas

SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DAS VELAS

Foi fundada a 15 de abril de 1543 com a designação de Confraria da Santa Casa da Misericórdia das Velas. Surgiu porque um grande número de moradores da Vila se reuniu na casa do Espírito Santo e ordenou a sua constituição.

Com 475 anos de existência, é a quinta Instituição mais antiga dos Açores e é a instituição privada de solidariedade que mais contribuiu para a prática da caridade na ilha de São Jorge, dando resposta aos infortúnios que foram surgindo, bem como adaptando-se ao longo do tempo.

A implementação do Hospital da Misericórdia foi a obra de maior vulto da Instituição e aquela que prevaleceu como a mais importante através dos séculos, graças ao testamento da principal benemerita D. Beatriz de Melo.

A par da atividade hospitalar, apoiava os pobres e indigentes, ao mesmo tempo que socorria os náufragos, acompanhava os defuntos à sua última morada e ajudava os presos, não só através de fornecimento de alimentação como, por vezes, através de esmolas em dinheiro.

Em 1919, abriu a farmácia da Misericórdia, que se mantém na propriedade da Instituição.

Após a Revolução de Abril de 1974, passando os cuidados de saúde para a responsabilidade total do Estado, ficou sem esta valência do Hospital. Terminada a gestão dessa valência, não terminou, todavia, a atividade da Misericórdia das Velas.

Em compensação, surgiram novas atividades viradas para a infância, com a abertura do Jardim de Infância, em 1983, da Creche, em 1996, e do Centro de Atividades de Tempos Livres (CATL), em 2004.

Mantém atualmente o mesmo dinamismo, destacando-se pela sua capacidade de inovação, quer pela qualidade dos trabalhos que desenvolve e pelas parcerias que estabelece, quer ainda pelo seu contributo no âmbito cultural, com apoio às artes, desde a música ao teatro, promovendo conferências e disponibilizando aos historiadores e ao público em geral o valioso arquivo histórico da Instituição.

A PORTUGUESA

Heróis do mar, nobre povo,
Nação valente, imortal,
Levantai hoje de novo
O esplendor de Portugal!
Entre as brumas da memória,
Ó Pátria, sente-se a voz
Dos teus egrégios avós,
Que há-de guiar-te à vitória!

Às armas, às armas!
Sobre a terra, sobre o mar,
Às armas, às armas!
Pela Pátria lutar
Contra os canhões marchar, marchar!

HINO DOS AÇORES

Deram frutos a fé e a firmeza
no esplendor de um cântico novo:
os Açores são a nossa certeza
de traçar a glória de um povo.

Para a frente! Em comunhão,
pela nossa autonomia.
Liberdade, justiça e razão
estão acesas no alto clarão
da bandeira que nos guia.

Para a frente! Lutar, batalhar
pelo passado imortal.
No futuro a luz semear,
de um povo triunfal.

De um destino com brio alcançado
colheremos mais frutos e flores;
porque é esse o sentido sagrado
das estrelas que coroam os Açores.

Para a frente, Açorianos!
Pela paz à terra unida.
Largos voos, com ardor, firmamos,
para que mais floresçam os ramos
da vitória merecida.

Para a frente! Lutar, batalhar
pelo passado imortal.
No futuro a luz semear,
de um povo triunfal.



